

Homo sapiens 'kamikazis'

Franklin Rumjanek

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br



Já comentamos, há algumas colunas, sobre a paradoxal atitude humana no que tange ao meio ambiente. Por que, mesmo cientes das consequências potencialmente irreversíveis de seus atos, os humanos continuam a destruir a natureza? A pergunta ficou no ar, mas agora, juntando uma coisa ali, outra aqui, gradualmente uma resposta parece emergir. Nosso estranho comportamento de fuga da natureza pode resultar de uma crença enraizada de que não fazemos parte desta.

Ao aceitar o prêmio Nobel de literatura, em 1949, o norte-americano William Faulkner (1897-1962) escreveu: "Recuso-me a aceitar o final da humanidade... Acredito que o homem não vai simplesmente tolerar uma situação, ele vai prevalecer. Ele é imortal não só porque é o único entre as criaturas a ter uma voz incansável, mas porque tem uma alma, um espírito capaz de compaixão, sacrifício e tenacidade." Essa exaltação da espécie humana sobre as demais é reforçada em outro livro seu, *Os desgarrados*. Logo na abertura do texto, Faulkner faz uma 'hierarquia da estupidez' em animais e diz: "Os cavalos estão na posição mais baixa da lista, porque simplesmente são demasiadamente estúpidos." Ele afirmava isso porque todos os animais exibem um forte instinto de preservação, mas o cavalo parece ignorá-lo, podendo cavalgar até a morte se seu cavaleiro assim desejar. Com isso, porém, Faulkner expressa, sem perceber, certa contradição. Ele despreza, por um lado, a inteligência do cavalo, alegando que este abdica de um instinto fundamental, enquanto, por outro, enaltece os humanos, que mesmo em seu tempo já percorriam conscientemente uma trajetória de autodestruição semelhante.

A diferença entre os dois é apenas a escala de tempo. E, no caso dos humanos, é seu intelecto que assume o papel do cavaleiro instigador. A tentativa de Faulkner de absolver os humanos argumentando que não podemos escapar de nossa natureza (grandiosa) é um tanto ingênua, pois nenhum ser vivo escapa dessa imposição. Quando por acaso escapam, são extintos. Se formos honestos, devemos admitir que Faulkner foi nosso porta-voz. Acreditamos que não somos somente mais uma espécie do ecossiste-

ma: somos excepcionais e isso basta para justificar nossas ações.

Uma varredura retrospectiva de nossa história mais recente mostra que há, entre os humanos, um forte desejo antiecológico. Graças à tecnologia, estamos cada vez mais polarizados e distantes da natureza. Pior, a natureza passou a simbolizar algo que não só atrapalha o progresso, mas que simultaneamente nos ameaça. A reação a esse medo inconsciente é a construção de metrópoles semelhantes às antigas cidadelas, mas que têm, hoje, a finalidade de nos proteger não de bárbaros, mas do mundo natural.

Além de nossa clausura voluntária, outro exemplo desse medo é bem visível na cultura popular expressa por certos programas de suposta divulgação científica, que exibem uma visão bastante travestida da natureza. Nessas séries, são comuns dois tipos de apresentação: as que lançam mão de repórteres cuja principal tarefa é irritar animais variados e aquelas que visam instilar o temor, exibindo baleias e tubarões assassinos, cobras traiçoeiras, insetos ameaçadores etc., e caracterizando a natureza como uma 'entidade' essencialmente vingativa, que recorre a terremotos, tsunamis e vulcões para nos castigar.

É claro que nem todos pensam assim. Felizmente, há uma reação incipiente, embora possa ter chegado tarde. Recentemente, o ensaísta norte-americano Richard Louv lançou um livro com título curioso: *A última criança da floresta: salvando nossas crianças da doença do déficit da natureza*. Esse e outros livros comentam sobre o êxodo da natureza e sobre possíveis formas de contorná-lo, mas admitem que as próprias crianças optam por um ambiente estritamente artificial. Há, no livro de Louv, uma citação eloquente de uma criança que diz preferir o ambiente doméstico porque a floresta não tem tomadas elétricas. Se, como se diz, as gerações futuras já começam a vida com o tal déficit, é melhor mesmo jogar a toalha.

As metrópoles,
semelhantes às
antigas cidadelas,
têm hoje a finalidade
de nos proteger não
de bárbaros, mas
do mundo natural